

Índios

Funai anuncia desapropriação de Mirandela

O Ministério da Justiça enviou, no final da tarde de ontem, um comunicado para o escritório da Funai em Mirandela, via telex, assegurando que dentro de 30 dias procederá as indenizações das 176 famílias que moram no povoado, desapropriando a área para os índios kiriris. Com esta medida, o governo federal espera evitar o conflito armado entre os índios e os posseiros.

O telex foi assinado pelo presidente em exercício da Funai, Sérgio Carneiro da Cunha. Os cálculos das indenizações, segundo a própria Funai em Brasília, deverão ser feitos individualmente, caso a caso, tomando por base os mesmos cálculos feitos pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), nas desapropriações de terra. Uma negociação tensa, ontem à noite, entre os índios, funcionários da Funai e a Polícia Federal terminou num impasse. Os índios querem isolar com cordas a área do cemitério e da igreja, para evitar a passagem dos posseiros, o que não foi aceito tanto pela Polícia como pela Funai, que ameaçam deixar o local, o que inevitavelmente acirrará os ânimos entre índios e posseiros.

A igreja e a área do cemitério permanecem ocupadas pelos índios, que deverão fazer o sepultamento de Adão hoje pela manhã. Alguns moradores do povoado de Mirandela, temendo novos conflitos, começaram a deixar o povoado desde a tarde de ontem.

Adilson Fonseca

Uma noite de tensão e medo. Às 19 horas de domingo a pequena praça do povoado de Mirandela, no município de Banzá, situada na fronteira de demarcação da reserva indígena dos Kiriris, ficou deserta. As casas mais próximas da linha que separa o povoado, ocupado por posseiros, e a reserva foram evacuadas pela Polícia Militar e os demais pontos fechados pelos moradores que se trancaram nas casas, temendo um conflito de grandes proporções entre as centenas de índios armados e militares. Conflito este que felizmente acabou não acontecendo.

A morte do índio de nome João de Jesus, 20 anos, o Adão, da aldeia de Cacimba Seca, dentro da reserva dos kiriris, em Mirandela, revoltou a comunidade indígena, que foi em peso para o povoado e acabou ocupando a igreja e o cemitério locais, exigindo providências e ameaçando expulsar

todos os moradores da área, cerca de 200 famílias. Reforços dos destacamentos da Polícia Militar de Alagoínas e de Cipó, além de duas equipes da Polícia Federal permanecem na área, armados com revólveres, fuzis e metralhadoras, temendo a eclosão do conflito a qualquer momento. Os índios, totalizando 286 famílias, passaram toda a noite ocupando uma parte do povoado, formando uma espécie de sítio, exigindo punição aos responsáveis pela morte do companheiro. Do outro lado da praça, centenas de moradores também permaneceram de vigília, para defender as casas, em caso de ataque.

Numa reunião com os três conselheiros da reserva, juntamente com representantes da Funai e da Polícia Federal, os índios acusaram os posseiros de inúmeras violações de suas terras, além de uma série de provocações nos últimos dias, exigindo que as autoridades tomem providências. Eles exigem de imediato o retorno de um grupo de índios a 10 casas desapropriadas



Policiais passam em frente da igreja de Mirandela, que foi ocupada pelos índios kiriris

da pela Funai e que foram evacuadas por causa dos constantes atritos com os posseiros. A exigência maior dos índios, contudo, é para a saída de todos os moradores de Mirandela, por ser ali o coração da reserva, que abrange uma área de mais de 12 mil hectares de terras na região.

SEM ACORDO

Os três conselheiros da reserva dos kiriris informaram aos agentes federais e da Funai que não existem mais condições de uma convivência com os homens que residem em Mirandela. A saída dos posseiros da região é condição que não admite ser negociada pelos índios, que acusam

não só alguns posseiros, mas o delegado de Polícia de Banzá, Raimundo Pepê, de ser o principal líder da oposição aos indígenas na região. Eles negam que tenham aprisionado agentes federais e funcionários da Funai na semana passada, como foi denunciado, e ter provocado o incêndio na sede da Funai, acusando o delegado e outras lideranças em Banzá e Mirandela de serem as responsáveis por todo o conflito na área da reserva.

Do outro lado, o delegado Raimundo Pepê nega qualquer envolvimento nos incidentes e diz ter sofrido emboscada por três índios da reserva, quando saiu ferido com tiro na mão direita. Segundo o delegado, a morte do índio João de Jesus, ocorrida em área da

aldeia Cacimba Seca, pode estar relacionada às rixas de família existentes entre os próprios índios, já que o indígena morto era bem querido no povoado, inclusive sendo batizado pelos moradores. O chefe do posto da Funai na região, Armando Burgos, admite que "se não houver providências imediatas por parte das autoridades federais, o conflito será inevitável". No momento, cerca de cem índios permanecem ocupando a igreja e toda a área vizinha, onde também está situado o cemitério do povoado. A guarnição policial mantida no local é composta por aproximadamente 25 soldados da Polícia Militar e 10 agentes federais, inclusive uma guarnição do Pelotão de Choque de Alagoínas.

Índios dominam igreja e praça

Ocupada por mulheres e crianças, em sua maioria, a igreja de Mirandela ficou sendo uma espécie de quartel-general dos índios kiriris, durante o domingo e segunda-feira. Os índios adultos preferiram ficar à uma certa distância de segurança, na eventualidade de a qualquer momento surgir o conflito.

Armados de arco e flecha e borduna, uma espécie de cassetete de madeira, além de machado, e pintados para a guerra, os índios mostravam-se entre curiosos e arreios, não permitindo maiores aproximações com as pessoas do povoado, e quando conversavam na sede da Funai, o faziam de forma bastante reservada. Até mesmo as fotografias na praça do povoado foram proibidas pelos índios.

Segundo estimativa da própria Polícia Federal existem aproximadamente 800 índios na aldeia de Mirandela, inclusive com informações de haver armas de fogo, fato este também registrado, segundo indícios colhidos, do lado dos moradores, do povoado. Na final da tarde, a expectativa era com o retorno do corpo do índio João de Jesus, o Adão, de Salvador, onde fora submetido à necropsia, no Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues.